Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Pedro Paulo Willrich Santiago Bettiol

Arqueólogo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

E-mail: sensei.bettiol@hotmail.com.br

KRAZY KAT: um registro da vida traumática e do legado inspirador de George Herriman

RESUMO:

Apesar de ser desconhecida pelo grande público nos dias atuais, a tira de jornal Krazy Kat foi um dos primeiros Quadrinhos a ser visto como uma expressão artística, sendo umas das favoritas dos leitores mais intelectuais. Mas, outro fator que também é esquecido pelos leitores, foi que a tira foi concebida como uma forma de seu criador George Herriman, poder expressar sua verdadeira identidade, sem correr o risco de ser descoberto pela sociedade segregacionista da época. Esse artigo busca explorar como eram a sociedade americana e a indústria de Quadrinhos, no começo do século XX, divulgar informações sobre Herriman, que para muitos são desconhecidas, e principalmente explorar como o autor deixou pistas sobre sua real identidade, a partir da análise de algumas de suas tiras.

PALAVRAS-CHAVES: Quadrinhos; Identidade; Krazy Kat; George Herriman; Leis de segregação norte-americanas.

Submissão: 28/07/2025
Revisão: 14/11/2025
Aprovação: 23/12/2025
Publicação: 14/02/2026)

Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Pedro Paulo Willrich Santiago Bettiol

Arqueólogo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

E-mail: sensei.bettiol@hotmail.com.br

KRAZY KAT: a record of George Herriman's traumatic life and inspiring legacy

ABSTRACT:

Despite being unknown to the general public today, the Krazy Kat newspaper strip was one of the first comics to be seen as an artistic expression, being a favorite of the more intellectual readers. However, another factor that is also forgotten by readers was that the strip was conceived as a way for its creator George Herriman to express his true identity without running the risk of being discovered by the segregationist society of the time. This article seeks to explore what American society and the comics industry were like at the beginning of the 20th century, to disclose information about Herriman, which for many is unknown, and mainly to explore how the author left clues about his real identity, based on the analysis of some of his strips.

Keywords: *Comics; Identity; Krazy Kat; George Herriman; American segregation laws.*

Submissão: 28/07/2025
Revisão: 14/11/2025
Aprovação: 23/12/2025
Publicação: 14/02/2026)

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

1. INTRODUÇÃO

É possível presumir que a primeira questão a surgir após a leitura do título deste artigo provavelmente deve ter sido: "Quem é Krazy Kat?". Isso não é nenhuma surpresa, devido ao personagem não ser tão conhecido nos dias atuais, principalmente se for comparado a outros gatos famosos da Cultura Pop, como o Gato Felix ou Garfield.

Mas apesar de ser pouco conhecido pelo grande público, Krazy Kat é considerado uma das obras mais influentes a ser produzida durante os primórdios da indústria de Quadrinhos norte-americanos.

Na página de seu criador na *Lambiek Comicopledia*, escrita por Knudde e Schuddeboom (2025), cita diversos artistas que foram inspirados pelo personagem, dentre os quais podemos destacar: Art Spiegelman, Will Eisner, Walt Disney, Ralph Bakshi, Dr. Seuss, Robert Crumb, Charles M. Schulz, entre muitos outros.

Mas como um quadrinho tão desconhecido atualmente pode ser tão influente? Para responder a essa pergunta, primeiro devemos conhecer como era a sociedade norte-americana durante o período em que Krazy Kat foi criado, mais especificamente qual era o estado da indústria do entretenimento.

2. HEARST E OS PRIMÓRDIOS DA INDÚSTRIA DOS QUADRINHOS

Eram os anos de 1900, e diversas indústrias que conhecemos atualmente, como o rádio, a televisão e o cinema, ainda estavam em seus primórdios e não eram acessíveis para a maioria da população. Nesse período, a principal fonte de informação e entretenimento eram os jornais, e os jornalistas eram considerados as celebridades da época (Matttt - comic & manga history, 2023).

Foi durante esse período que surgiu um homem chamado William Randolph Hearst, que atualmente é reconhecido pelos americanos por ser um empresário que conseguiu sua fortuna através de práticas comerciais questionáveis, por seu gigantesco império jornalístico, e por ter sido a inspiração para o personagem principal do filme de 1941 Cidadão Kane[1] (Tisserand, 2018).

Após ouvir todos esses fatos sobre Hearst, é bem fácil esquecer que ele foi uma figura importante para a popularização da indústria de Quadrinhos durante os primórdios da mesma (Tisserand, 2018).

Nascido em uma família rica, Hearst era um garoto solitário que não tinha amigos da sua faixa etária e sentia saudades de seu pai, pois sua mãe insistia em levá-lo para diversas partes do mundo, assim para escapar da solidão, o garoto se tornou um colecionador de todos os tipos de coisas, desde moedas e selos até canecas de cerveja e porcelana (Heers, 2021).

Dentre suas diversas coleções uma de suas favoritas eram os Quadrinhos, mas não os que conhecemos nos dias atuais como podemos ver na figura 1, pois os conceitos que são considerados padrão atualmente surgiram entre o final do século XIX e o começo do século XX (Tisserand, 2018).



Figura 1. *Max und Moritz*, considerado um dos percursores dos Quadrinhos modernos. Fonte: Library of Congress, [s.d.]. Disponível em: https://www.loc.gov/resource/gdcwdl.wdl_07495/?sp=31. Acesso em: 20 de out. de 2025.

O amor do garoto por esses Quadrinhos "antigos", foi um dos motivos para seu grande sucesso no futuro, pois seu pai era dono de um jornal quase falido chamado de "*The San Franscisco Examiner*", que Hearst assumiu o controle em 1887 e decidiu revitalizar o mesmo (Heers, 2021).

[1] *Citizen Kane* no original.

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Os jornais americanos no final do século XIX, eram tradicionalmente constituídos de longas colunas de texto (Figura 2), assim na tentativa de torná-los mais visualmente atrativos para os leitores, Hearst começou a colocar ilustrações e caricaturas nas páginas do "*San Francisco Examiner*", e nos demais jornais comprados com o dinheiro de sua família (Figura 3) (Matttt - comic & manga history, 2023).



Figura 2. Primeira edição do jornal *The New York Times,* lançado em 1851. Fonte: Business Insider, 2018. Disponível em: https://www.businessinsider.com/9-of-the-very-first-editions-of-famous-american-newspapers-2018-9. Acesso em: 17 de jun. de 2025.

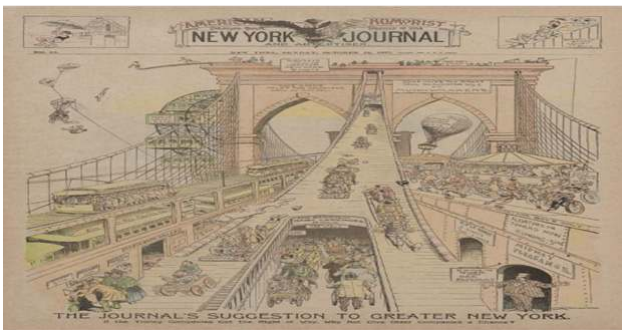


Figura 3. Edição de 24 de outubro de 1897 do *New York Journal*, um dos jornais adquiridos por Hearst. Fonte: Library of Congress, [s.d.]. Disponível em: https://www.loc.gov/resource/sn83030180/1897-10-24/ed-1/?sp=1&r=-0.529,0.012,2.057,1.298,0. Acesso em: 17 de jun. de 2025.

Essa tentativa de transformar os jornais em uma mídia mais visual foi bem sucedida, principalmente devido aos avanços tecnológicos que permitiam integrar imagens de qualidade nas páginas (Heers, 2021).

Mas Hearst não foi o único a pensar em explorar essa mídia visual, Joseph Pulitzer que era dono do New York World, foi o primeiro a introduzir os Quadrinhos nas páginas de seu jornal quando em 1895 ele publicou a tira *The Yellow Kid* no *New York World*, algo que Hearst também decidiu colocar no *San Francisco Examiner* (Heers,2021).

Assim à medida que seu império jornalístico foi crescendo, Hearst começou a usar seu dinheiro para contratar, e de certa forma colecionar, diversos artistas veteranos ou promissores como Thomas Nast, Rudolph Dirks e Richard Felton Outcault, tornando as tiras de jornal no equivalente aos filmes ou séries de tv atuais, e os artistas que as criavam nas celebridades da época sendo ricos e famosos (Matttt - comic & manga history, 2023).

E como consequência, surgiram muitos artistas aspirantes querendo lançar o próximo grande sucesso, dentre eles estava um jovem chamado George Herriman que será o foco desse artigo.

3. A VIDA E O SEGREDO DE GEORGE HERRIMAN.

George Herriman era considerado um "estranho no ninho" por seus companheiros artistas devido a ser extremamente tímido, se recusar a remover seu chapéu, não gostar de ser fotografado e por ter um sotaque arrastado que não era possível saber de onde pertencia embora fosse divertido tentar imitar (Figura 4), mas apesar de parecer deslocado ele era um artista brilhante, sendo fluente em diversos idiomas e possuindo um conhecimento enciclopédico de literatura desde Shakespeare até Don Quixote (Matttt - comic & manga history, 2023).



Figura 4. Foto de George Herriman de 1912. Fonte: *The New York Times*, 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/01/12/books/review/krazy-george-herriman-biography-michael-tisserand.html. Acesso em: 18 de jun. de 2025.

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Apesar de ser capaz de conseguir trabalho desenhando para diversos jornais e sindicatos da época, Herriman não era um artista de sucesso no meio dos Quadrinhos, pois no começo do século XX era necessário ter um personagem recorrente nas tiras dos jornais para ser considerado bem sucedido (Tisserand, 2018).

A primeira tentativa de Herriman foi "*Musical Mose*" (Figura 5), uma história cômica com um formato simples, em que temos Mose um homem negro que tenta conseguir trabalho em várias profissões se disfarçando de outra etnia, mas no final ele é descoberto e termina sendo punido, infelizmente essa tira não obteve sucesso comercial e acabou sendo cancelada (Tisserand, 2018).

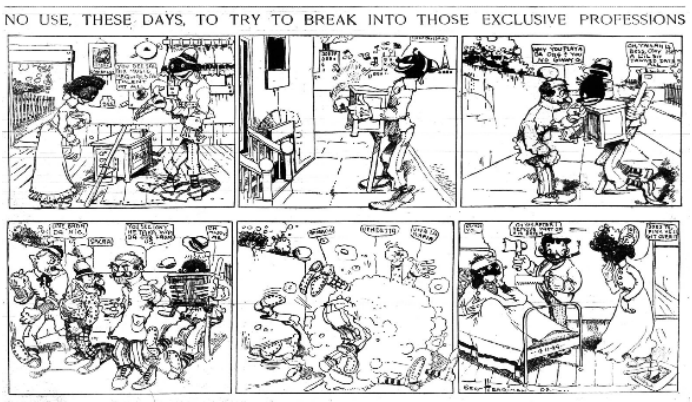


Figura 5. Tira de *Musical Mose*. Fonte: Michael Tisserand, [s.d.]. Disponível em: https://images.squarespace-cdn.com/content/5ea76b4ca7782c4f14e3cfc0/1593077407913-6AJ2KQXK4NP56CXQ1XGI/05-phillyna-03-9-1902-musical-mose.jpg?content-type=image%2Fjpeg. Acesso em: 18 de jun. de 2025.

Entre os anos de 1900 até 1910, Herriman continuou criando tiras de diversos personagens e temáticas, a grande maioria não passava de uma semana, mas alguns trabalhos conseguiam durar mais tempo como "*Professor Otto and his Auto*", "*Acrobatic Archie*", "*Mr. Proones the Plunger*", "*Baron Bean*" e "*Mary's Home From College*", os dois primeiros foram publicados no jornal The New York World, e os demais nas páginas do Los Angeles Examiner (Tisserand, 2018).

Mas enquanto suas tiras eram publicadas e canceladas o meio jornalístico estava mudando, principalmente devido aos avanços na fotografia estarem substituindo as ilustrações feitas à mão, e por consequência diminuindo a demanda por artistas nos jornais (Matttt - comic & manga history, 2023).

Com poucas oportunidades de desenhar nas colunas de notícias e esportes, a única forma de manter seu emprego seria provar seu valor para Hearst através do sucesso de suas tiras, e as publicações mais longas de Herriman não duraram mais do que alguns meses (Tisserand, 2018).

Até que no dia 28 de junho 1910, sua sorte finalmente começou a mudar quando ele lançou a tira cômica "*The Dingbat Family*" (Figura 6), cuja premissa gira em torno da família de mesmo nome constituída pelo pai E. Pluribus Dingbat, sua esposa Minnie, e seus filhos Cicero, Imogene e um bebê cujo nome nunca foi revelado que vivem em um apartamento e vivem diversas confusões (Tisserand, 2018).

Apesar dessa tira ter sido publicada por 6 anos ela não fez muito sucesso, devido ao protagonista E. Pluribus Dingbat ser muito semelhante aos protagonistas de tiras mais populares como *Henpecko the Monk* de Gus Mager e *The Newlyweds* de George McManus, fazendo Herriman ter dificuldades em criar ideias novas para diferenciar sua história das demais (Tisserand, 2018).

Mas o que realmente mudou a carreira do mesmo, ocorreu na edição de 26 de julho de 1910 que além de renomear a tira para "*The Family Upstairs*" também introduziu dois elementos novos para as histórias, o primeiro seriam os vizinhos do andar de cima que apesar de nunca aparecerem fisicamente se tornaram uma espécie de rivais para E. Pluribus Dingbat (Tisserand, 2018).

O segundo elemento a ser adicionado foi uma pequena piada na parte de debaixo da tira em que um rato atirava uma pedra no gato da família (Figura 6), essa historinha secundária se tornou um elemento recorrente nas tiras de Herriman, enquanto E. Pluribus tentava sem muito sucesso frustrar os vizinhos do andar de cima, na parte inferior o gato e o rato travavam pequenas batalhas entre si (Tisserand, 2018).

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11



Figura 6. Tira de "*The Family Upstairs*" datada de 26 de julho de 1910, note o gato e o rato que aparecem na parte debaixo da tira. Fonte: Ohio State University, 2018. Disponível em: https://library.osu.edu/dc/concern/generic_works/g732zq04t?locale=en.

Essas histórias secundárias começaram a ganhar mais popularidade que a tira principal, algo que o próprio autor descobriu quando Willie Carrey, o *office boy* do jornal, lhe contou que gostava mais do gato e do rato do que da família, inspirando Herriman a criar mais histórias dessa dupla, até que seu editor Arthur Brisbane sugeriu dar aos dois uma tira própria (Tisserand, 2018).

Assim no dia 28 de outubro de 1913, a tira Krazy Kat foi lançada nos jornais tirando o gato e o rato, que haviam recebido os nomes Krazy Kat e Ignatz Mouse respectivamente, da casa dos Dingbat e os colocando em uma cidade cheia de animais antropomórficos (Knudde, Schuddeboom, 2025).

A premissa da tira é simples, Krazy Kat é um gato preto cujo gênero é incerto (Em algumas histórias Krazy é referido com pronomes femininos e masculinos em outras), que é loucamente apaixonado por Ignatz um rato branco que não corresponde os sentimentos do felino, e constantemente atira tijolos no mesmo o que Krazy interpreta como um sinal de afeto (García, p. 143, 2023).

Também existe um personagem chamado Offisa Pupp, um policial *bulldog* que secretamente é apaixonado por Krazy e vigia Ignatz constantemente com o objetivo de evitar que o roedor continue agredindo seu amado felino (García, p. 143, 2023).

Apesar da premissa simples Krazy Kat era uma obra completamente experimental, um exemplo seria a linguagem utilizada onde Herriman utilizou seu grande conhecimento em línguas para criar um dialeto único, que era uma mistura de sotaque nova-iorquino, francês, inglês, *creole patois*, espanhol, e uma certa influência shakespeariana (Matttt - comic & manga history, 2023).

Outro elemento que era constantemente experimentado eram os layouts da página, em algumas semanas era totalmente horizontal, em outras era vertical, tinha publicações em diagonal (Figura 7), em outras o layout era completamente aleatório (Figura 8), e a narrativa continuava coesa e fluída (Tisserand, 2018).

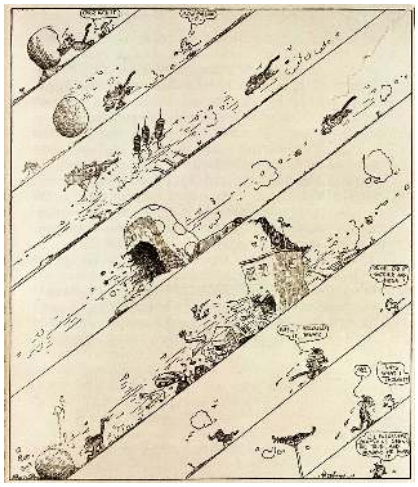


Figura 7. Tira de Krazy Kat com quadros em diagonal. Fonte: Lambiek Comicopledia, © 2025. Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/h/herriman.htm. Acesso em: 23 de jun. de 2025.

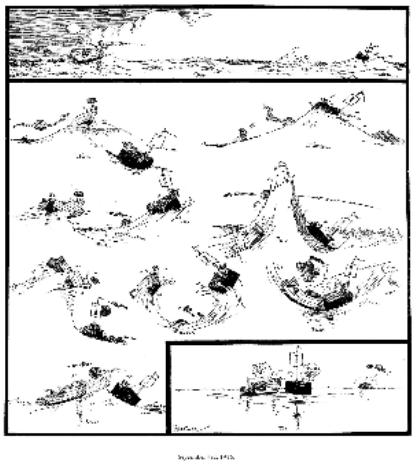


Figura 8. Tira de Krazy Kat, utilizando um layout com padrão aleatório. Fonte: Michael Tisserand, [s.d.]. Disponível em: https://images.squarespace-cdn.com/content/5ea76b4ca7782c4f14e3cfc0/1593137349752-JTK53RBSXFDBMP87V3JT/15-1916-09-03-krazykat.jpg?content-type=image%2Fjpeg. Acesso em: 23 de jun. de 2025.

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Apesar de ser revolucionária e conquistar os leitores mais intelectuais, a tira se provou complexa demais para o grande público (Tisserand, 2018).

Como Krazy Kat conseguiu ficar tanto tempo nos jornais é um assunto que causa muito debate entre os pesquisadores de quadrinhos, com a teoria mais aceita sendo a que o próprio William Hearst teria se interessado na tira, ao ponto de ter dado a Herriman um contrato vitalício (Tisserand, 2018).

Especula-se que o motivo dessa proteção a obra de Herriman era por causa de Hearst estar tentando atrair o público intelectual para seus jornais, além do mesmo apreciar ter uma pessoa considerada um "Gênio dos Quadrinhos" trabalhando para ele (Tisserand, 2018).

Esse apoio contribuiu para que no dia 23 de abril de 1916, Krazy Kat ganhasse uma página inteira na seção "*City Life*" dos jornais de Hearst, publicando a obra de Herriman ao lado de críticas de arte e escrita mais altiva (Tisserand, 2018).

Ao contrário das expectativas a tira faz sucesso com esse público e pela primeira vez um Quadrinho foi visto como uma forma de arte séria, um dos fãs mais fanáticos da tira foi o escritor e crítico cultural Gilbert Seldes, que em 1924 dedicou a Krazy Kat um capítulo inteiro em seu livro "*The 7 Lively Arts*" (Tisserand, 2018).

Mas apesar de todo esse prestígio Herriman continuava tímido e modesto, pois ele temia que se fosse muito exposto alguém poderia descobrir que ele tinha um segredo que poderia destruir não só sua carreira, como também toda a sua vida (Matttt - comic & manga history, 2023).

Esse segredo só seria descoberto em 1971, 27 anos após sua morte, pelo sociólogo Arthur Asa Berger que estava pesquisando sobre Herriman para incluí-lo no "*Dictionary of American Biography*", durante o processo de pesquisa o mesmo encontrou no Departamento de Saúde de Nova Orleans uma certidão de nascimento de uma criança nascida em 1880 chamada George Herriman (Tisserand, 2018) (Figura 9).

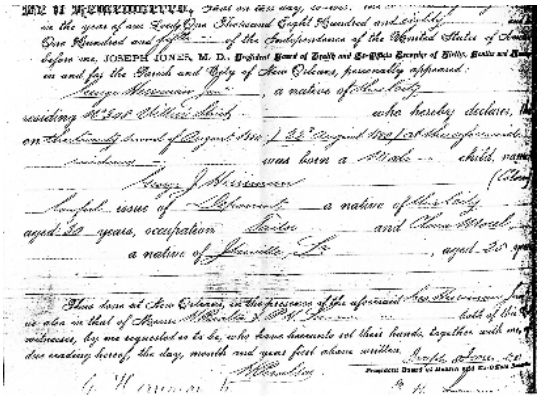


Figura 9. Certidão de nascimento de George Herriman, que o lista como "*Colored*". Fonte: Michael Tisserand, [s.d.]. Disponível em: https://images.squarespace-cdn.com/content/5ea76b4ca7782c4f14e3cfc0/1597706235034-02MGMXNQO22850SY6BDN/13-birth-cert-opt.jpg?content-type=image%2Fjpeg&format=2500w. Acesso em: 26 de jun. de 2025.

A princípio Berger pensou se tratar de outra pessoa devido a certidão listar Herriman com a palavra "*Colored*", uma expressão usada na época para identificar pessoas que não possuíam descendência totalmente branca, e acreditava-se que o cartonista George Herriman era um homem branco (Tisserand, 2018).

Após terminar seu trabalho, ele o enviou para seu editor Edward T. James que também foi a Nova Orleans e conseguiu acesso a certidão de nascimento, mas ao contrário de Berger, James concluiu que a pessoa na certidão e o cartonista eram a mesma pessoa (Tisserand, 2018).

Mas porque George Herriman iria querer esconder sua verdadeira identidade? Para responder essa pergunta teremos que conhecer como eram as relações raciais nos EUA durante esse período.

Durante o período de 1877 até 1954 diversos estados americanos, principalmente os sulistas, aprovaram diversas leis de segregação racial que ficaram conhecidas como as leis de Jim Crow (UROFSKY, 2025), que praticamente forçavam pessoas de cor (principalmente as negras, mas as vezes incluía outras etnias como asiáticos e indígenas) e pessoas brancas, a viverem separadas.

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

Sendo uma separação completa tendo sido criadas escolas, transporte público, restaurantes, teatros, cemitérios, banheiros, parques, praias e até prisões que eram exclusivas para uma determinada cor de pele, apesar de que no papel ambos os espaços deveriam ser iguais, na prática os espaços destinados a pessoas negras eram bem inferiores se comparados aos dos brancos (Vogalizando a História, 2023), como é possível ver na imagem abaixo:



Figura 10. Escola destinada a pessoas de cor. Fonte: Library of Congress, 1902. Disponível em: https://www.loc.gov/resource/cph.3b25575/. Acesso em: 25 de out. de 2025.

E uma das consequências das leis de Jim Crow foi um princípio jurídico e social conhecido como "*One Drop Rule*" que usava o conceito da hipodescendência para definir a etnia de uma pessoa com descendência mista, ou seja, qualquer indivíduo que possuísse ancestralidade africana era considerado "negro" aos olhos da sociedade (Hollinger, 2005).

Nascido em 22 de agosto de 1880 no bairro de Tremé em Nova Orleans em uma família que descendia de homens livres, escravos e donos de escravos (Tisserand, 2018). George Herriman tinha apenas 10 anos quando seu pai comprou passagens de trem, para que sua família se mudasse para a Califórnia onde eles se passariam por brancos, permitindo que Herriman e sua irmã fossem matriculados em uma escola para brancos, recebendo uma educação de melhor qualidade e mais oportunidades na vida (George, 2017).

Se Herriman, enxergava a si mesmo como branco ou negro é uma pergunta cuja resposta morreu com o autor, mas sabemos que a sociedade o rotulou como "negro" quando nasceu (Matttt - comic & manga history, 2023).

E mesmo em sua vida adulta, Herriman continuaria a esconder sua identidade se identificando como "branco" em formulários de censo, se casando com uma mulher branca, assinando documentos dizendo que ele jamais venderia sua casa para negros e usando um chapéu para esconder seu cabelo cacheado (Matttt - comic & manga history, 2023).

Mas apesar de seu sucesso com leitores mais intelectuais e críticos de arte, Krazy Kat nunca conseguiu conquistar o grande público com sua popularidade diminuindo com o passar do tempo o que teria justificado seu cancelamento, mas especula-se que o mesmo não aconteceu pois sempre que os editores tentavam cancelar a tira, o próprio Hearst intervia para salvar a mesma (Tisserand, 2018).

Assim quando Herriman morreu em 1944 parecia que o mesmo seria esquecido, em seu funeral o cartonista Bud Sagendorf notou que menos de dez pessoas haviam comparecido, e após a publicação póstuma de algumas histórias foi decidido que a tira seria descontinuada (Tisserand, 2018).

Felizmente dentre os fãs de Herriman estava o influente poeta Edward Estlin "E.E" Cummings que estava determinado a evitar que o mesmo fosse esquecido. O mesmo entrou em contato com a editora "*Henry Holt and Company*" e propôs que publicassem uma coletânea com diversas tiras de Krazy Kat (Tisserand, 2018).

O próprio Cummings se responsabilizou pelo processo de organizar, editar e escrever a introdução da coletânea, contando com a ajuda de Gilbert Seldes que lhe enviou sua própria coleção pessoal das tiras de Herriman (Tisserand, 2018).

Assim em 1946 foi lançada uma coletânea que incluía 310 tiras de Krazy Kat escolhidas pelo próprio Cummings, que apesar de não ter sido um *bestseller* em vendas, introduziu a obra de Herriman para uma nova geração de leitores, influenciando diversos artistas como Fritz Lang, Charles M. Schulz, Ralph Bakshi e muitos outros (Tisserand, 2018).

Essa coletânea manteve o legado de Herriman vivo, fazendo o mesmo ter influência suficiente para ser incluído no "*Dictionary of American Biography*"

na década 70, possibilitando a descoberta do segredo que o autor não pode revelar em vida.

4. AS PISTAS DEIXADAS EM KRAZY KAT.

No vídeo "*Why society tortured this groundbreaking comic artist*" é especulado que o motivo que levou Herriman, a tentar uma carreira nos Quadrinhos, não foi a fama ou o dinheiro que a indústria gerava na época, mas que ele viu a mesma como uma chance de finalmente poder expressar sua verdadeira identidade que passou décadas escondida (Matttt - comic & manga history, 2023).

Um exemplo que foi usado no vídeo é a tira "*Musical Mose*" em que após conhecer a história de Herriman, o autor do vídeo deduziu que *Mose* poderia ser uma representação do próprio autor, uma pessoa que fingia ser o que não era e que sofreria violência caso fosse descoberto, além de ser uma tentativa de criar uma história estrelada por um protagonista negro, se utilizando dos únicos meios que seriam aceitos pela sociedade na época (Matttt - comic & manga history, 2023).

Mas será que essa existe algum mérito nessa teoria? Será que Herriman poderia ter usado Krazy Kat para deixar pistas sobre sua verdadeira identidade?

Para tentar comprovar essas afirmações, será feita uma análise de algumas tiras de Krazy Kat, utilizando uma metodologia baseada na que foi proposta por Márcia Tavares Chico (2020).

Assim como na metodologia de Chico, minha análise é formada por três etapas, sendo elas:

Análise Narrativa: Essa etapa é similar a metodologia de Chico, pois possui uma abordagem técnica, onde toda a estrutura da página do Quadrinho é analisada (Chico, 2020), mas possuindo o diferencial de possuir um foco maior na narrativa e no enredo que está sendo apresentado, essa diferença foi considerada necessária devido aos trabalhos de Herriman, possuírem um formato distinto da obra analisada por Chico.

Chico analisou a obra "*They Called Us Enemy*", mais especificamente a tradução brasileira publicada em 2019 pela editora Devir, que foi publicada com o formato de *Graphic Novel*, em que o autor George Takei utilizou 208 páginas para contar sua história, enquanto George Herriman publicou todas as suas obras como tiras de jornal, um formato que utiliza no máximo uma página para contar uma história.

Existem ocasiões em que Herriman criou narrativas contínuas que duraram semanas ou meses, o mais conhecido desses casos foi a saga "*Tiger Tea*" que durou quase um ano sendo publicada diariamente, mas devemos notar que essa experimentação com continuidade só foi introduzida mais de uma década após a estreia de Krazy Kat (Tisserand, 2018).

Vendo as diferenças nos formatos podemos notar que Takei teve mais liberdade para contar sua história, enquanto Herriman muitas vezes tinha que trabalhar com diversas limitações durante o processo criativo.

E como ele trabalhava para um dos maiores jornais da época, é possível presumir que Krazy Kat possuía prazos de entrega mais apertados, forçando o autor a priorizar a criação de histórias mais simples para suprir a alta demanda.

Contexto Histórico: Essa etapa foca no contexto político e social que o autor vivenciou, se diferenciando de Chico, pois a mesma separa o contexto em duas partes, o que está sendo representado na obra (Interno) e o período de produção da obra (Externo) (Chico, 2020), enquanto esta metodologia foca apenas no último.

O principal motivo para esse foco no período de produção da obra, é que os dois autores se expressaram de formas diferentes.

Além de sua carreira como ator, George Takei também é conhecido por ser um ativista dos direitos humanos, por esse motivo o mesmo se expressou de forma aberta sobre as injustiças que o mesmo e os demais imigrantes japoneses sofreram nos campos de concentração americanos.

Devido a George Herriman estar se passando por branco e temer o que poderia acontecer caso sua verdadeira identidade fosse descoberta, ao ponto de o mesmo não expressar diretamente seu ponto de vista sobre questões raciais nas raras vezes em que foi entrevistado.

Interpretação dos Dados: Chamada de "Análise qualitativa baseada nos dados" por Chico, essa etapa busca criar uma interpretação do Quadrinho analisado,

Revista Multidisciplinar de Estudos
NERDS/GEEK
ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

a partir dos dados obtidos através das etapas anteriores, utilizando outras bibliografias de acordo com o enfoque que queremos criar (Chico, 2020) que no caso das tiras de Krazy Kat, seriam as possíveis pistas deixadas por Herriman acerca de sua verdadeira identidade.

Agora que a metodologia que será utilizada já foi estabelecida, podemos aplicá-la para fazer a análise de algumas tiras, começando com a figura abaixo:

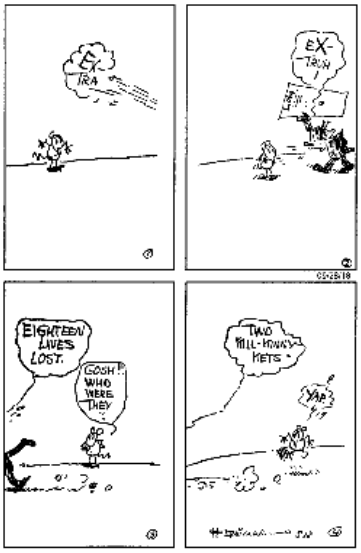


Figura 11. Tira de Krazy Kat, datada de 28 de setembro de 1918. Fonte: Comic Strip Library, [s.d.]. Disponível em: https://www.comicstriplibrary.org/display/45. Acesso em: 06 de jul. de 2025.

Análise Narrativa: A primeira tira ser analisada possui um formato simples, onde temos quatro painéis numerados de 1 até 4, os dois primeiros painéis estão na parte superior, enquanto os dois últimos estão na parte superior, as cores utilizadas são o preto e o branco, e o cenário é bem simples.

No primeiro painel temos Ignatz olhando para um personagem desconhecido, que está gritando "Extra".

No segundo painel é revelado que Krazy Kat é o personagem que estava gritando, e ao vermos que ele está carregando um jornal, percebemos que Krazy está anunciando uma notícia.

No terceiro painel, Krazy nos revela que 18 vidas foram perdidas intrigando Ignatz, que pergunta sobre a identidade das vítimas.

No último painel Krazy revela que as vítimas eram gatos, e vemos uma mudança no comportamento do rato, que tem uma expressão de aborrecimento no rosto e usa a palavra "*Yap*", uma gíria americana utilizada descrever uma pessoa que fala muito sobre assuntos triviais ou desinteressantes, para se referir a notícia.

Contexto Histórico: Um dos maiores problemas que atormentavam a população negra durante o período das Leis de Jim Crow era uma crescente onda de violência, um dos casos mais famosos ocorreu em Chicago no ano 1919 quando um jovem de 17 anos chamado Eugene Williams foi morto por um homem branco chamado George Stauber (Vogalizando a História, 2021).

Dentre os principais atos de violência perpetrados contra a população afro-americana estava a prática do linchamento, cujo principal objetivo era aplicar uma punição rápida e exemplar aos indivíduos que, de alguma forma, desafiavam convenções da comunidade (Nascimento, 2019).

Embora tenha surgido nos estados de fronteira do oeste e tinha indivíduos brancos como suas principais vítimas, durante os anos de 1880 e 1920 a proporção de linchamentos ocorridos nos estados do sul foi de mais de 90% de todos os casos do país, registrando 723 assassinatos de pessoas brancas contra 3220 de pessoas negras (Nascimento, 2019).

Esses dados revelam que o linchamento começou a ser utilizado como uma forma de institucionalizar a supremacia da população branca, que após a abolição passou a ver os afro-americanos como elementos indesejados no ambiente estadunidense. (Nascimento, 2019).

E para piorar não havia muitos meios da população negra se proteger da violência, pois os sistemas policial e penal eram constituídos basicamente por brancos pobres que possuíam um forte viés racial contra os negros norte-americanos (Nascimento, 2019).

Assim era comum que as punições destinadas aos negros serem inacreditavelmente mais severas, enquanto os delitos praticados por brancos tinham penas mais leves (Nascimento, 2019).

Mais uma vez podemos citar o caso de Eugene Williams como exemplo, em que após a morte do jovem, a polícia não somente se recusou a prender o assassino, como também se recusou a agir quando os

bairros negros foram atacados pela população branca (Vogalizando a História, 2023).

Interpretação dos Dados: Ao juntar a narrativa da tira com o contexto histórico, é possível especular que a mesma contenha uma crítica sobre como a sociedade da época tratava a questão da violência contra pessoas negras.

Desde sua infância, George Herriman era constantemente lembrado dos perigos que a população afro-americana enfrentava.

Na Louisiana, o estado em que Herriman nasceu e viveu na infância, foram registrados 313 linchamentos de pessoas negras durante o período de 1889 até 1918, o quarto maior do país perdendo apenas para os estados da Geórgia, Mississipi e Texas, além de diversos casos de crimes raciais (Tisserand, 2018).

Um desses casos ocorreu em 1884, quando o pai de Herriman foi chamado para ser um dos membros do júri popular no julgamento de um ferreiro chamado Patrick Egan, que foi acusado de matar um mecânico de Maryland chamado George Blake (Tisserand, 2018).

Segundo as testemunhas, Egan e outro homem chamado Colbert Bailey estavam bebendo em um bar local, Egan saiu para fumar e quando retornou viu Bailey e o dono do bar discutindo com Blake, que estava embriagado e avançou contra Egan que atirou duas vezes contra o mecânico para se defender (Tisserand, 2018).

O motivo dessa confusão foi que Blake, que era branco, se irritou ao ver que um homem branco (Egan) estava se associando com um homem negro (Bailey) (Tisserand, 2018).

Após muita consideração o júri considerou que a motivação de Blake não era relevante para o caso, e Egan foi sentenciado a morte por enforcamento com o mesmo recorrendo e conseguindo mudar a pena para trabalhos forçados pelo resto da vida (Tisserand, 2018).

Casos semelhantes não só eram comuns na época, como também mostravam como a sociedade da época era completamente antipática para a população afro-americana, e por consequência qualquer indivíduo que se relacionava com a mesma.

Com essas informações podemos especular que nessa tira Ignatz é uma representação das pessoas brancas ou da sociedade em geral, que ao verem pessoas negras (que são representadas pelos gatos) sofrendo atos de violência, respondem com desinteresse e antipatia.

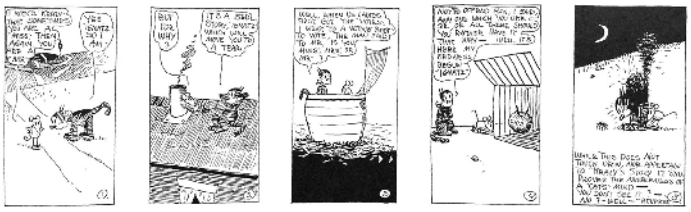


Figura 12. Tira mostrando Krazy e Ignatz conversando sobre os pronomes do felino. Fonte: Panels & Prose, 2021. Disponível em: https://panelsandprose.com/wp-content/uploads/2021/05/krazyheshe.jpg. Acesso em: 08 de jul. de 2025.

Análise Narrativa: Essa tira possui formato simples possuindo cinco painéis numerados de 1 até 5 que estão alinhados em fila da esquerda para a direita, os cenários apesar de simples possuem mais detalhes e variedade.

Na história Ignatz pergunta a Krazy porque o felino é referido tanto por pronomes masculinos e femininos, e o mesmo conta que lhe foram dadas três opções de como deveria ser chamado, e o gato não querendo ofender falou que qualquer opção serviria.

Contexto Histórico: O conceito do *Passing* é usado para descrever uma pessoa que consegue se passar por um membro de outro grupo racial ou étnico, até os dias atuais essa prática é extremamente controversa por diversos motivos, um deles era que apenas uma pequena parcela da população negra tinha a oportunidade de executá-la (Tisserand, 2018).

Outra consequência dessa prática, é a necessidade de editar ou até apagar qualquer coisa ou indivíduo que não se encaixava na nova realidade que a pessoa que está praticando *Passing* criou para si (Tisserand, 2018).

Apesar de ser uma decisão que gerava diversas consequências, a mesma gerava muitos benefícios, pois como foi mostrado anteriormente os espaços destinados a população negra eram de qualidade bem precária, principalmente as escolas, que possuíam estrutura caindo aos pedaços, livros desatualizados e professores despreparados, o que limitava as chances de sucesso dos mesmos (Vogalizando a História, 2023).

Assim muitas pessoas viam o *Passing* como uma forma de conseguir melhores condições de vida.

Interpretação dos Dados: O gato Krazy Kat nunca teve seu gênero definido, em algumas histórias os pronomes são masculinos e em outras são femininos, e ainda houve uma tira em que o gênero do gato mudou 4 vezes na mesma frase (Bellot, 2017).

Em uma conversa com o diretor Frank Capra, o mesmo perguntou se Krazy era "ele" ou "ela" e Herriman revelou que já havia tentado tornar o gato em uma fêmea, mas ao fazer isso muito da essência do personagem era perdida com o mesmo chegando até a comparar Krazy Kat com os *Sprites*[2], seres mitológicos que não possuem gênero (Bellot, 2017).

E nessa tira Ignatz tenta descobrir o motivo dessa constante troca de pronomes, com a parte mais interessante ocorrendo no painel de número quatro, quando Krazy fala que devido a não querer ofender ninguém qualquer pronome poderia ser usado para identificá-lo, e foi assim que sua tristeza começou.

Ter tido que escolher se identificar pela opção que seria a considerada menos problemática, foi uma situação que Herriman vivenciou diversas vezes durante sua vida.

Um exemplo ocorreu em 1o de junho de 1900, naquele dia a pensão em que ele vivia estava sendo visitada por um recenseador para uma pesquisa de censo, e Herriman se identificou como um homem branco filho de imigrantes franceses, pois o mesmo sabia que os donos da pensão o expulsariam se soubessem de sua verdadeira origem (Tisserand, 2018).

Podemos notar que assim como Krazy teve que escolher seus pronomes, Herriman teve que escolher sua etnia.

Então é possível concluir que esse é o motivo de Krazy Kat não ter um gênero definido? Sim e não.

Ter que escolher sua etnia em formulários de censo pode ter sido uma influência na criação de Krazy, mas acredito que a razão para o gato não ter gênero definido seja mais filosófica, pois o Krazy Kat provavelmente é uma representação do próprio conceito de Passing.

Essa prática já foi referida como "Perder Limites", pois se imagina que uma pessoa está cruzando uma fronteira entre os lados branco e negro, mas para boa parte da população mestiça da Louisiana o Passing é visto como uma jornada de vida em que se está constantemente cruzando de um lado para o outro (Tisserand, 2018).

Dá mesma que forma uma pessoa que está praticando *Passing* transita entre branco e negro, Krazy Kat transita entre os gêneros masculino e feminino pois o mesmo é a representação de alguém que vive em constante mudança.

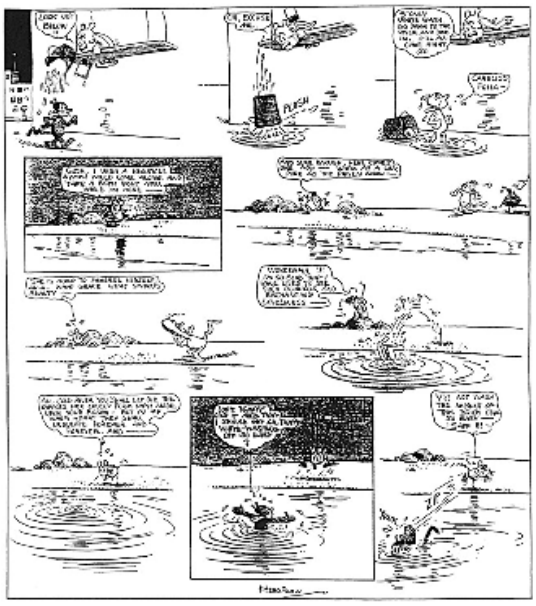


Figura 13. Tira de 16 de outubro de 1921, em que Krazy é acidentalmente pintado com tinta branca. Fonte: ImageTexT, © 2025. Disponível em: https://imagetextjournal.com/krazy-kolors-exploring-identities-and-ambiguities-in-george-herrimans-krazy-kat/. Acesso em: 09 de jul. de 2025.

Análise Narrativa: Na figura acima vemos uma tira de composição mais complexa e detalhada, pois no total existem dez painéis que estão organizados em quatro fileiras, três na primeira, dois na segunda, dois na terceira e três na última fileira.

Não existem linhas que separam os painéis, com exceção do primeiro painel da segunda fileira e do segundo painel da última fileira que possuem cenário mais escuro, que possivelmente são utilizados para evitar que o cenário de um quadro se misture ao outro.

[2] *Seres da mitologia europeia considerados espíritos da natureza, geralmente representados como pequenos humanóides com asas ou entidades etéreas.*

Toda tira é desenhada em preto e branco e os cenários apesar de serem simples, são facilmente identificáveis.

Apesar da composição mais complexa dos painéis, a leitura continua fluída e fácil de entender, com o sentido sendo da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Na história um balde de tinta branca acidentalmente cai em Krazy deixando seus pelos totalmente brancos, e para se limpar o felino decide mergulhar em um rio próximo, coincidentemente Ignatz estava no local e ao ver o que pensa ser um gato branco mergulhando no rio ele imediatamente se apaixona, mas ao perceber que era Krazy o roedor indignado joga um tijolo na cabeça do mesmo.

Contexto Histórico: Como foi mostrado na análise da Figura 12, a prática conhecida como Passing era bastante controversa e trazia diversas consequências que durariam pelo resto da vida, dentre as quais estava o constante risco de ser descoberto.

Histórias de pessoas que foram descobertas se passando por brancas eram comuns de aparecer nas páginas dos jornais.

Um desses casos foi o da estudante da universidade de Chicago Cecilia Johnson, que se passou por branca para entrar em uma irmandade exclusiva, mas foi descoberto que a mesma era parente do magnata negro dos jogos de azar John "Mushmouth" Johnson (Tisserand, 2018).

Um detalhe desse caso foi que uma colega de Johnson revelou que todas as alunas gostavam muito da mesma até descobrirem a verdade (Tisserand, 2018), essa afirmação pode inferir que após ter sua verdadeira identidade revelada, Johnson perdeu boa parte do respeito de seus colegas.

Fora esses casos, o *Passing* também era comum de ser visto na literatura com obras como "*Passing*" de Nella Larsen e "*Imitation of Life*" de Fannie Hurst tendo sido populares na época (Tisserand, 2018).

Nesses casos a pessoa que se passava por branco era representada como uma figura trágica, que inevitavelmente era descoberta e sofria as consequências por esse ato (Tisserand, 2018).

Interpretação dos Dados: Uma piada recorrente nas tiras é o icônico gato acabar sendo pintado de branco e Ignatz não reconhecer e muitas vezes até se apaixonar pelo felino, apenas para descobrir a verdade e imediatamente volta a atirar tijolos na cabeça de Krazy.

Mas será que essa piada recorrente traz um significado mais profundo do que imaginamos?

Como foi mostrado anteriormente, na literatura popular o indivíduo que se passava por outra etnia sempre termina a história sendo descoberto e tendo sua vida destruída.

Na tira vemos que Ignatz se apaixonar pelo o que ele pensa ser uma gata branca mergulhando no rio, usando palavras como "Encantadora" e "Graciosa" para descrevê-la, mas quando se revela que a "ninfa" era na verdade Krazy, a reação do rato é se irritar e jogar um tijolo na cabeça do pobre felino.

Assim é possível especular que essa piada recorrente é provavelmente uma metáfora para como a sociedade da época via o *Passing*.

Nesse caso Krazy é uma representação das pessoas de cor, que enquanto estão criando essa ilusão de branquitude (Tinta Branca) são respeitadas ou até admiradas pelas pessoas branca, que é representada por Ignatz.

Mas ao serem desmascaradas, todo respeito e admiração que foram conquistados são imediatamente substituídos por sentimentos de ódio e violência, que são representados pela tijolada.

Essas são apenas algumas das leituras que podem ser feitas com base nas histórias de Herriman, e também existem diversas tiras que possuem potencial para serem analisadas, mas essas são as que foram consideradas as que melhor expressavam quais seriam as possíveis ideias do autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pode parecer uma simples história de um gato preto que se apaixona por um rato branco e recebe uma tijolada como resposta, é muito provavelmente uma metáfora para a vida de George Herriman, um homem negro que esconde sua identidade tentando desesperadamente ser aceito por uma sociedade que o lincharia caso descobrisse seu segredo.

Mas apesar de sua vida traumática sua influência

continua viva nos dias atuais, não apenas na indústria dos Quadrinhos, cujas obras foram essenciais para que os mesmos fossem considerados como expressão artística, mas também nas indústrias do cinema e da animação.

A partir da divulgação de sua história e da interpretação de prováveis pistas deixadas nas tiras de Krazy Kat, o presente artigo tentou expor para os leitores uma faceta da vida de Herriman que para muitos é desconhecida, atrair interesse acadêmico para as obras do mesmo e explorar elas foram afetadas pelo período segregacionista que a sociedade americana vivia no início do século XX.

REFERÊNCIAS

BELLOT, Gabrielle. **The Gender Fluidity of Krazy Kat**. The New Yorker; 19 de jan. de 2017. Disponível em: https://www.newyorker.com/books/page-turner/the-gender-fluidity-of-krazy-kat. Acesso em: 05 de jul. de 2025.

CHICO, Márcia Tavares. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 43, p. 121-131, abril 2020.

DAHLMAN, Ian; **The legal surrealism of George Herriman's Krazy Kat**. Law Text Culture. vol.16, n.1, p.35-64, 01 de jan. de 2012. Disponível em: https://www.uowoajournals.org/ltc/article/528/galley/526/view/. Acesso em: 01 de nov. de 2025.

GARCÍA, Rafael. **"George Herriman".** In: 35ª Bienal Internacional de São Paulo. Coreografias do impossível. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2023.

GEORGE, Nelson. **Invisibly Black:** A Life of George Herriman, Creator of 'Krazy Kat'. The New York Times; 12 de jan. de 2017. Disponível em: https://www.nytimes.com/2017/01/12/books/review/krazy-george-herriman-biography-michael-tisserand.html. Acesso em: 14 de jun. de 2025.

HEER, Jeet. **The Boy Who Collected Comics**. American Experience; 08 de set. 2021. Disponível em: https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/citizen-hearst-boy-collected-comics/. Acesso em: 14 de jun. de 2025.

HOLLINGER, David A. **The one drop rule & the one hate rule.** Daedalus; vol. 134, n. 1, p.18–28, dez./mar. de 2005. Disponível em: https://direct.mit.edu/daed/article/134/1/18/27352/The-one-drop-rule-amp-the-one-hate-rule. Acesso em: 30 de out. 2025.

HUMPHREY, Aaron. **The Cult of Krazy Kat: Memory and Recollection in the Age of Mechanical Reproduction.** The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship, vol. 7, p. 1–24, 05 de jun. de 2017. Disponível em: https://www.comicsgrid.com/article/3550/galley/5205/view/. Acesso em: 01 de nov. de 2025.

KNUDDE, Kjell; SCHUDDEBOOM, Bas. **George Herriman**. Lambiek Comicopledia; 24 de abr. de 2025. Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/h/herriman.htm. Acesso em: 14 de jun. de 2025.

MARTIN, Will; **George Herriman's Krazy Kat – revisiting an abstruse but charming comic strip.** Apollo: The International Art Magazine; 11 de dez. 2019. Disponível em: https://apollo-magazine.com/george-herrimans-krazy-kat-revisiting-an-abstruse-but-charming-comic-strip/. Acesso em: 14 de jun. de 2025.

Matttt - comic & manga history. **Why society tortured this groundbreaking comic artist**. Youtube. 19 ago. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SXjlx-1h6yQ&t=351s. Acesso em: 14 de jun. de 2025.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. Uma era de contradições: segregação e resistência afro-americana no período progressista, 1890-1920. Revista Eletrônica da ANPHLAC, [S. l.], n. 27, p. 103–143, 2019. DOI: 10.46752/anphlac.27.2019.3434. Disponível em: https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3434. Acesso em: 30 out. 2025.

ISSN: 2675-5084
v.7, n.11

TISSERAND, Michael. **Krazy:** George Herriman, a Life in Black and White; Nova York: HarperCollins Digital. nov. de 2018. E-book ISBN: 978-0-06-209805-4 Version 10152018. Disponível em: https://www.amazon.com.br/dp/B01CY0N244?ref=ppx_yo2ov_dt_b_fed_digi_asin_title_351. Acesso em: 18 de out. de 2025.

UROFSKY, Melvin I. **Jim Crow law.** Britannica; 21 de mai. de 2025. Disponível em: https://www.britannica.com/event/Jim-Crow-law. Acesso em 26 de jun. de 2025.

Vogalizando a História. **AS LEIS JIM CROW E A SEGREGAÇÃO NOS EUA**. Youtube. 10 de fev. de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uPBo42d0pdo. Acesso em: 26 de jun. de 2025.

Vogalizando a História. **VOCÊ SABE O QUE FOI O MASSACRE DE TULSA?**. Youtube. 24 de jun. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AwPkhlnaknM. Acesso em: 09 de jul. de 2025

Como citar este artigo:

BETTIOL, Pedro Paulo Willrich Santiago. Krazy Kat: Um Registro da Vida Traumática e do Legado Inspirador de George Herriman. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.7, n.11, jan.dez. 2025.